

A cidade e sua preservação

*Arquiteta e urbanista Maria Laura Pires
@prediosdorecife*

*Arquiteto e urbanista Múcio Jucá
@z_arquitetur
@unicap.icam*

O bairro de Boa Viagem, de urbanização recente, era uma pequena colônia de pescadores localizada nas proximidades de uma igreja construída no início do século XVIII. Nos anos 1920, a Prefeitura construiu a ponte de acesso ao Pina e a Avenida Beira Mar, atual Avenida Boa Viagem, na orla oceânica, facilitando o acesso da população de outras regiões da cidade e motivando a construção de residências de veraneio. Com as novas ocupações, diversas obras de saneamento e infraestruturas começaram a ser implementadas no local. Enfim, já por volta da década de 1950, as empreiteiras despontaram interesse no bairro e começariam a erguer suas primeiras estruturas.

Na década de 1960, Boa Viagem oferece para a cidade uma mudança no modo de vida, quando o bairro começa a se consolidar como habitação permanente, e não só para veraneio. Na década seguinte, a burguesia começa a habitar no local, encantada o nascimento de um novo bairro, associado a praia e longe das enchentes que traumatizaram boa parte da população recifense moradora da zona norte. Nos jornais da época era divulgado um novo modo de viver através dos anúncios de vendas de uma nova forma de morar, começando por loteamentos no bairro do Pina, tal qual, mais próximo ao centro.

Após a Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1996 do Plano Diretor da Cidade do Recife determinar a área como de alto potencial construtivo, novamente a história se repete e as construtoras voltam a demonstrar interesse pelo bairro, orgulhosamente focado no excesso de verticalização. Diante da escassez de terrenos vazios, o que se percebe é uma batalha contra os edifícios mais antigos. Foi assim que a especulação imobiliária levou a demolição até mesmo de alguns marcos importantes da orla, como o Hotel Boa

Viagem, e também de construções mais modestas e de menor porte, como o Edf. Caiçara, o América, o Andes, e o quase fim do Edf. Oceania, retratado no filme "Aquarius" de Kléber Mendonça Filho (2016).

No filme, Sônia Braga interpreta Clara, uma jornalista aposentada, moradora do Edifício Aquarius. Clara sofre assédio de uma construtora que quer demolir a edificação, para dar lugar a um grande empreendimento.

O edifício Oceania, projeto de 1958, representa um dos últimos remanescentes desse tipo arquitetônico de edifícios residenciais multifamiliares de meados do século XX.

O prédio apresenta características tipológicas de uma fase de transição dos residenciais multifamiliares, neste caso, mais próxima da arquitetura de casas tradicionais do que dos edifícios construídos nas décadas seguintes.

O conjunto está implantado em "L", garantindo um amplo pátio interno que configura a relação casa - quintal. A configuração de térreo (recuado) mais dois pavimentos, garante a horizontalidade e proporção mais próxima da residência tradicional. Outra peculiaridade é o uso de cobertura em telha cerâmica, com beirais.

Além disso, o edifício foi concebido com afastamento frontal, para os apartamentos voltados para a Avenida Boa Viagem, e afastamento nulo, ou no paramento, para a rua lateral. Este afastamento frontal permite, aos apartamentos térreos, usufruir de jardins típicos de residências, garantindo uma ambiência bastante peculiar.

Em 2003, uma construtora da cidade deu início à compra de apartamentos do edifício, e exerceu forte pressão para que outros proprietários iniciassem processo de negociação. A intenção evidente era a demolição e construção de edifício residencial multifamiliar de tipologia "moderna" e de "maior apelo comercial".

No entanto, alguns moradores, e mais notoriamente Aronita Rosemblat pensava diferente, e resolveu resistir.

O pedido de tombamento foi elaborado pelo arquiteto Milton Botler em 2003, e devidamente acatado pelo então Presidente da FUNDARPE Paulo Souto Maior. Posteriormente, já em 2013, o Vereador Jayme Asfora requisitou que o edifício fosse enquadrado na Lei 16.284/1997, tornando-se Imóvel Especial de Preservação.

Desde 2014, consta a informação que a construtora desistiu das intenções de demolir o edifício. Ainda assim, o Oceania nunca foi transformado em IEP, e desta forma, a cidade permanece sem garantias reais de sua preservação.